

## AS IMPLICAÇÕES DAS PAIXÕES DIRETAS E A MOTIVAÇÃO MORAL EM DAVID HUME

ANTONIO ADILSON VENÂNCIO<sup>1</sup>; ROBINSON DOS SANTOS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [adilsonvenancio@gmail.com](mailto:adilsonvenancio@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [dossantosrobinson@gmail.com](mailto:dossantosrobinson@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa mostrar a relação existente entre as paixões diretas e a motivação, bem como as suas implicações com os conceitos de prazer e dor, vontade e crença na teoria motivacional de David Hume. O autor considera a moralidade um dos estudos que mais interessam a sociedade e que a motivação, suscitada pelas paixões, é a base para toda ação, uma vez que a moral sozinha “*não pode reunir experimentos de maneira deliberada e premeditada.*” Em consonância a isso, os efeitos de prazer e dor formam a base comum de todas as paixões e a supressão desses efeitos tem como consequência a supressão de tais paixões. No que se refere às crenças, a influência exercida na ação não é de modo imediato, como nas paixões diretas, mas anexado do mesmo modo que a vontade e o desejo são anexados às concepções de prazer. Já no que tange a vontade, as ações são efeitos de situações particulares, pois à vontade, encontra-se no mundo das ações humanas e exerce sua influência a partir dos efeitos básicos, tais como desejo e aversão, que também são comuns às paixões diretas. A influência que a crença exerce na motivação parece ser mínima, mas existe. Dado que a crença não pode ser sozinha a causa para a ação da vontade, tudo indica que a possível causa decorra imediatamente das paixões diretas, tendo em vista seus efeitos de prazer e dor. Pretende-se evidenciar que, a partir da análise das paixões diretas e os conceitos a ela relacionados, a teoria da motivação moral em David Hume possui um robusto aspecto não-cognitivista. No entanto, esta postura não impede de justificar, ainda que em sentido amplo, um papel considerável aos aspectos cognitivos. Para tanto, considera-se como base para essa discussão a obra *Tratado da Natureza Humana* e os comentários de Norman Kemp-Smith e Tito Magri.

### 2. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado a partir da análise da obra *Tratado da Natureza Humana* de David Hume, no Livro “*Das Paixões*”, sobretudo a Terceira Parte. Embora o tema presente seja mencionado em outras passagens da obra, optou-se por fazer menção à referida parte, pois ela situa aspectos centrais da motivação moral. Desse modo, procurou-se evidenciar de modo descritivo como os conceitos de prazer e dor, vontade e crença estão relacionados com as paixões diretas e estas com a motivação moral em Hume. O auxílio de comentadores tais como Kemp-Smith (2005) e Magri (2011) são fundamentais para melhor esclarecer a problemática aqui proposta.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A relação entre paixão direta e motivação, segundo Hume, parece evidente se levar em consideração as definições que formam a base comum de todas as

paixões, o que motiva de modo imediato, isto é, os efeitos de prazer e dor, desejo e aversão. A supressão desses efeitos tem como consequência imediata a supressão de tais paixões. Decorrente disso, é possível pensar que a motivação dos indivíduos surge dessa imediata afecção de bem e mal, prazer e dor, independentemente de uma possível determinação racionalista ou metafísica.

Segundo Magri (2011) as paixões diretas possuem a capacidade de motivar os agentes a agir. E, para compreender a motivação em Hume é preciso especificar a natureza das paixões diretas como causas mentais. Magri ressalta duas características, a primeira, que ocorre na mente [*mind*] como episódio de sensação [*feeling*] ao invés de pensamento e, a segunda, que tais especificações ocorrem com certo *caráter causal*. Dessa forma, observa-se que, por um lado, o que toca o indivíduo com mais força, conseqüentemente, move-o com maior intensidade. E, por outro lado, o que se observa e que é motivo de convicção e certeza tem maior influência do que *vagos e indolentes devaneios de um sonhador*, como afirma Hume (2009). Para Magri as duas características estão conectadas, uma vez que, as impressões de sensação têm influência sobre a cognição e a ação. Mas, esse fato, não faz da motivação em Hume uma tese cognitivista em um sentido forte e, sim, uma característica importante das paixões diretas que admitem a influência cognitiva na ação. Em outras palavras, é possível afirmar que a racionalidade possui um papel importante na deliberação moral, mas não define ou, ainda, não determina a ação.

Nota-se que, para Hume, as paixões diretas não têm caráter *representacional* nem *referência* ou *valor-verdade*. Por isso, a tese *não-cognitivista* poderia ser mais aguçada nesse sentido. De acordo com essa passagem, todo movimento do corpo e da mente segue os impulsos imediatos das impressões de sensação em que se encontram prazer ou dor. Isso ocorre pelo fato de que, para Hume, essas paixões são existências originais, completos em si mesmos e não há como negar essa afecção. Elas não contêm qualidades representativas porque em seus mecanismos não há nada que as tornem cópias de qualquer outra existência. De fato, quando se está com *raiva* o indivíduo está possuído por essa *emoção* não tendo referência a qualquer outro objeto, assim como quando se tem *sede*.

Para Magri as paixões diretas podem ser, em sentido amplo, *cognitivas*. Ele compreende que, assim como na teoria das crenças, as paixões diretas, mesmo sendo *não-representacionais*, modificam a visão de mundo. A influência da crença não difere, significativamente, dos efeitos que prazer e dor exercem sobre as paixões diretas na motivação do impulso para a ação. No entanto, a influência que a crença exerce sobre a ação não é de modo imediato, como nas paixões diretas. Isso mostra apenas a necessidade das ideias e da imaginação se afirmarem nas impressões. Com isso, a *impressão de crença* não modifica a concepção, mas é anexada do mesmo modo que a vontade e o desejo são anexados às concepções de bom e de prazer. A crença possui um caráter relacional com as paixões, não sendo apenas um artifício da razão e da imaginação.

De outro modo, ao analisar as paixões diretas relacionando-as com a vontade observa-se alguma obscuridade na identificação desses conceitos, os quais influenciam no entendimento da motivação. Primeiramente, a definição de paixão direta em T 2.1.1.4 que diz: *por paixão direta entendo as que surgem imediatamente do bem e do mal, da dor e do prazer, juntamente com o desejo, a aversão, a tristeza, a alegria, a esperança, o medo, o desespero e a confiança*. Após, a definição sobre o mesmo assunto em T 2.3.9.2, porém com um acréscimo: *As impressões que decorrem do bem e do mal de maneira mais*

*natural e sem preparação são as paixões diretas de desejo e aversão, tristeza e alegria, esperança e medo, juntamente com a volição.* E, ainda, em T 2. 3. 8. 8, ao falar da contiguidade e da distância no espaço e no tempo, Hume comenta que o efeito dessa relação na imaginação influencia a *vontade e a paixão*. E, por fim, em T 2.3.1.2, Hume comenta ao iniciar a explicação das paixões direta que: *Dentre todos os efeitos imediatos da dor e do prazer, o mais notável é a vontade.*

As noções apresentadas na primeira e na segunda definição parecem supor que a volição ou a vontade faz parte dos mecanismos das paixões. Desse modo, a vontade e a paixão parecem colaborar em seus efeitos imediatos impulsionando os indivíduos para a ação de maneira *natural e sem muita preparação*, a saber, que a paixão e a vontade fazem parte do mesmo mecanismo, são existências originais completas em si mesmas, independentemente de qualquer determinação da razão. Na terceira citação, mais uma vez, a vontade parece acompanhar as paixões e sofrer as mesmas influências. Já na última referência, Hume parece indicar a vontade como o mais notável efeito da dor e do prazer e, com isso, reforça o caráter secundário da vontade tornando-a efeito do efeito, isto é, a vontade é efeito do mais imediato efeito da paixão direta, o que é o efeito de prazer e dor. Nessa passagem, a vontade recebe outra conotação e já não é mais a de estar lado a lado com as paixões. Para Hume, embora, rigorosamente falado, a vontade não se inclua entre as paixões, a plena compreensão de sua natureza e propriedades é necessária para explicar as paixões.

Hume afirma em T 2.3.1.2: “Desejo observar que entendo por *vontade* simplesmente a *impressão interna que sentimos e de que temos consciência quando deliberadamente geramos um novo movimento em nosso corpo ou uma nova percepção em nossa mente*”. Essa ampla definição carregada de complexos sentidos ressalta a importância desse argumento para a compreensão da motivação do agente. É possível considerar que ao remeter para a impressão interna conscientemente sentida se está referindo à subjetividade de cada agente que possui uma natureza comum, ou melhor, que tem uma disposição interna que o coloca em movimento, seja do corpo ou da mente. Hume manifesta que não se trata apenas de um impulso instintivo, o que acarretaria o não comprometimento do agente com o ato. Contudo, a ênfase do filósofo está na afirmação de que os indivíduos são afetados interiormente e que essa afecção desencadeiam as ações, a qual se sente e que se delibera com consciência.

A vontade tem como objeto a escolha e o desempenho de cada ação como evento particular e procedendo no que diz respeito a cada situação. Ela é diferente do entendimento o qual tem como sua própria providência o mundo das ideias, enquanto a vontade sempre coloca o sujeito no mundo das realidades.

Dado que as ações da vontade são efeitos de situações particulares, é importante ressaltar a relação causal desse efeito. E, como tal, essa situação ocorre na mente ao passar de desejo para o bem ou da aversão para o mal. A vontade possui influência na ação presente, situada, mas isso não difere do papel que a paixão direta pode desempenhar. Assim, pode-se afirmar como Magri (2011) que a vontade não é outra coisa senão a paixão direta exercida na ação. Desse modo, ela não é diferente de qualquer tipo particular ou episódio de paixão direta e, por isso, não é uma paixão em tudo.

Parece, do que se tem visto até agora, que tanto nas paixões diretas como na vontade, trata-se da motivação no *Tratado* em termos não-cognitivistas e a dependência imediata do prazer e da dor, do desejo e da aversão. Embora, esta seja uma tese frequentemente compreendida como hedonista, conforme Kemp-Smith (2011), faz-se necessário ressaltar que se está falando de prazer e dor como *efeito* e não como causa das paixões, o que não significa atribuir a Hume

uma postura hedonista. Essa visão, não tira a importância fundamental que prazer e dor possuem na compreensão do pensamento moral humeano, pois é o principal fator da motivação. Hume não diz que os indivíduos são ou devem ser motivados apenas para alcançar o prazer, mas é o prazer que faz buscar qualquer objeto.

Hume compreende que esses efeitos motivacionais de prazer e dor, presente nas crenças, podem surgir na mente tanto de impressões de sensação como de ideias. As impressões, sendo mais fortes e vívidas, possuem afecção imediata, e as ideias, sendo mais fracas e fugidias, possibilitam que a mente vagueie livremente ou, ainda, de acordo com alguma impressão predominante, aporte em alguma crença. A crença possui mais força e efetividade quanto mais próxima de uma impressão. Isso significa que tanto impressões quanto ideias influenciam nas crenças. Ela possibilita fixar alguns aspectos próprios da experiência, a qual difere de acordo com as circunstâncias da ação e de cada indivíduo. Esse fator é indispensável na medida em que se insere o problema da motivação moral. Embora Hume afirme que a moralidade não possui princípios pré-determinados, nem se define de modo geral antes do acontecimento dos fatos, as ações dos indivíduos comportam ações baseadas em crenças fixadas por suas experiências particulares.

As crenças são indispensáveis para despertar as paixões e, as paixões, por sua vez, são favoráveis às crenças. Em um sentido amplo, as crenças podem motivar a ação sem serem pré-determinadas por impulsos imediatos. Segundo Hume, as crenças como impressões vivificam as ideias. Crer é ter uma ideia presente na mente como se fosse uma impressão, é uma forma específica de conceber uma ideia e é uma sensação da realidade. Por isso, uma crença a respeito de um objeto prazeroso ou doloroso é concebê-lo como presente e eminentemente próximo. Mas isso, não é o mesmo que ocorre com a sensação de prazer ou dor, pois, Hume distingue acreditar de perceber.

Dado que a crença não pode ser a causa para a ação da vontade, como tudo indica, a causa decorre, principalmente, pelas paixões diretas, tendo em vista seus efeitos de prazer e dor. Ainda restam dúvidas sobre a importância motivacional da crença sobre a motivação. Pode-se afirmar, temporariamente, que de acordo com as paixões diretas de Hume, a importância motivacional da crença e a possibilidade de um controle efetivo da ação permanecem sem explicação definitiva. Mas a crença reforça a importância das impressões de sensação e de reflexão como predominantes sobre as ideias, na perspectiva humeana.

#### 4. CONCLUSÕES

Assim, os conceitos imbricados na definição de paixão direta possibilita relacionar a mesma com a teoria da motivação moral de David Hume, tendo como base comum os efeitos de prazer e dor. Com isso, é possível afirmar, ainda que de modo amplo, uma justificativa para a ação moral dos agentes frente ao paradoxo da determinação dos impulsos e a possibilidade de conectar crenças fundadas na experiência.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUME, D. **Tratado da Natureza Humana: *uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais***. Tradução: Debora Danowski – 2º ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

KEMP-SMITH, N. **The Philosophy of David Hume**. With a new introduction by Don Garret. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MAGRI, T. **Hume on the Direct Passions and Motivation**. In.: RADCLIFFE, Elizabeth S. (Ed.) *A Companion to Hume*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011. p. 185-200.